

RAWET: VIDA LITERÁRIA E ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA

Francisco Venceslau dos Santos
(UERJ)

RESUMO

Auto-definições de Samuel Rawet, em entrevistas, depoimentos a jornais/ revistas, nos anos de 1970 e 1980. Percurso crítico-biográfico do escritor e intelectual, seu rompimento com a família judaica, suas posições sobre literatura, mercado, participação na vida literária, escrita corpórea, memória auditiva, auto-exílio e ascese. Reflexões em torno da diáspora inscrita na cena cultural, na virada dos anos 1970, primeira metade dos 1980. Auto-reflexões de Rawet sobre suas opções pelo incerto, o difícil, o duvidoso, e a desconstrução que faz das ilusões/idéias da intelectualidade, na fisionomia histórica daquele período.

PALAVRAS-CHAVE: Samuel Rawet, escrita autobiográfica, correspondência, entrevistas, auto-exílio, anos 1970/1980

O diálogo entre o biografado e o biógrafo permite, entre outras perspectivas, estabelecer contigüidades temporais – aproximações entre presente, passado e futuro – numa ótica histórica não linear, e colher o significado da vida na obra de arte do ficcionista, portanto descobrir, segundo Nietzsche, possibilidades de vida: “O que há de surpreendente nas vidas de pensadores e artistas é a força ativa do pensamento que os leva a se lançarem no incerto, ultrapassarem os limites que a vida lhes impõe” (NIETZSCHE, 1988, p. 111).

Biografias (entrevistas e depoimentos são componentes biográficos e autobiográficos) dependem da estrutura de relações de força simbólica que define o campo intelectual num determinado momento. Ao adotar esta atitude, não vejo apenas o indivíduo Samuel Rawet, mas o escritor no campo intelectual, determinado pela posição que ocupa no interior do campo de poder¹, evitando assim uma leitura carismática da autobiografia ou da sua obra. Também não vou, a pretexto de estudar depoimentos e ficção, cair na armadilha das correlações hiperempiristas, competindo com a historiografia tradicional.

Pesquiso o que Rawet chegou a ser ou o que foi a partir do que chegaram a ser seus amigos ficcionistas e intelectuais – Fausto Cunha, Assis Brasil, Rui Mourão, os proustianos dos anos de 1950, que se reuniam em torno da *Revista Branca* – Saldanha Coelho, Dinah Silveira de Queiroz, Nataniel Dantas, Jones Rocha, Alberto da Costa e Silva, suas tomadas de posições estéticas ou ideológicas. Aqui, os depoimentos e entrevistas de Rawet ajudam a delinear este círculo de amigos e suas atitudes em face da cultura². O relato da vida não pode ser pensado como uma história coerente, temos que questionar a visão da vida como existência dotada de sentido lógico. Trata-se, nesta perspectiva, de uma ilusão retórica (BOURDIEU, 2001, p. 185).

As relações entre a apresentação pública e a representação privada implicam uma série de questões entre o interrogador e o interrogado, dependem do propósito que o investigador assume em relação à situação de investigação. A história de vida “conduz à construção da noção de trajetória como uma série de posições necessariamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2001, p. 189). É absurdo tentar compreender uma vida, como um projeto linear com etapas, sem levar em conta a sua estrutura de relações: “Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado” (BOURDIEU, 2001, p. 190).

Samuel Rawet fez literatura no jornal e nas revistas, explorando, na ficção, a temática íntima. Tanto nas entrevistas quanto na ficção publicada nos diários e suplementos (depois reunida em livros), põe um interior a desvendar contra o pano de fundo da superfície da arquitetura da comunicação de massa, que se desenha no horizonte. Tematiza o desaparecimento dos limites entre o público e o privado, instalando o exílio dos escritores que não compactuam com o mundo da superfície. Isto cria uma contradição, uma impossibilidade – a veiculação do íntimo num espaço verista. Sugere uma introspecção absurda em um mundo de *outdoors* e latas de Coca-Cola.

As entrevistas tornam possível montar o retrato crítico-biográfico de Samuel Rawet, construir uma reflexão acerca do seu percurso de intelectual e de escritor, de 1956 a 1984. A análise desta parte do

seu acervo autoriza concluir que os suplementos literários do Rio de Janeiro emergiram como locais de circulação da vida literária, para os jovens que iniciavam suas carreiras, dentre eles Rawet, dividido, sem mediação, entre a educação intelectual refinada e a experiência das ruas, dos botecos, cafés, tabernas, cabarés, e pensões baratas. Rawet ilumina o abismo que começa a se erguer no Brasil, nos anos 1960, entre a esfera íntima e o espaço público. Ele não constrói uma máscara para o trânsito entre os dois. Em suas autodefinições, sempre recusou ser identificado com a figura arquetípica, genérica de judeu, e sim, com a imagem concreta de alguns judeus influenciados por aspectos locais, pela vida do subúrbio, com a figura do vagabundo, presente na novela “Crônica de um vagabundo” do livro de contos *Os sete sonhos*.

As palavras de Rawet, nas entrevistas, indicam a sua preferência pelo conto de pequena extensão, a novela curta, com estrutura de poema sinfônico, apontando para a necessidade de não estagnar numa forma rígida, de encontrar um leitor interessado no tópico, no sombrio da intimidade, no metonímico, desencantado do todo, que a ficção contemporânea abandona gradativamente.

A escrita tensa de Rawet revela uma subjetividade partida entre o dilema da submissão ao mercado e o imperativo íntimo de se manter fiel à ficcionalidade existencial, sem se submeter à produção destinada ao consumo. Nas entrevistas brilham as suas palavras e a autenticidade na vida, incorporadas na ficção, toda ela de caráter biográfico: um grito surdo contra a escrita elegante, contra a convenção, contra a lógica narrativa. Neste sentido, ele antecipa os anos 1980, cujos ficcionistas não desejam mais produzir uma grande obra, desistem da idéia de criar painéis que dessem conta da identidade nacional (geralmente essa identidade manifestava implicitamente o desejo de erguer um monumento literário ao país). Em lugar da grande obra que sirva de retrato da nação, Rawet engendra pequenos textos (recusados pelas editoras), um projeto que propõe a fragmentação ao invés da unidade.

Uma das conclusões da leitura dos depoimentos: Rawet escreve o que realmente quer, despreocupado com a legibilidade da escrita, imaginando o leitor como a pessoa que lerá o texto do modo como escreveu. Para ele, a incomunicabilidade com o público torna-se inevitável, pois o escritor não é profeta, apenas testemunha do futuro.

A análise de ensaios e artigos em jornais e revistas traz à tona o anacronismo da situação da leitura de textos no Brasil, nos anos

1960 e 1970. Para ele, um país embasbacado com a erudição europeia, ignorante de que a criação pode aparecer em qualquer lugar, incapaz de ler uma literatura reflexiva, pensar a desventura das idéias e pensamentos. O exame das entrevistas forneceu também elementos para a construção da biografia intelectual de Rawet, destacando sua condição ambígua de judeu brasileiro, a experiência dramática da diáspora, um *outsider* imerso na quotidianeidade da metrópole, excluído da historiografia literária do seu tempo, que ele considera caótica, aviltante. As palavras da crítica, no entanto, são insuficientes para dar um sentido narrativo à sua existência (implicitamente a qualquer existência). A sua vida apresenta-se como uma anti-história, na perspectiva da normalidade que tende a ver a identidade como previsível, inteligível, à maneira de uma história bem construída. Deste ângulo, Rawet não é uma identidade socialmente constituída, apresentando coerência ética, estética, fidelidade a si mesmo, porém uma subjetividade com buracos, enigmas, irrealizações, na sua história de vida.

Jornais e revistas, no final dos anos 1960 e início dos 1970, reconhecem a qualidade de Rawet, destacando, porém, a sua dificuldade para publicar. Acentuam, assim, traços ambivalentes da história da cultura, nesta área, com ficcionistas escrevendo para o mercado, e outros recusados, editando a sua própria produção. Conhecedor dos problemas do conto brasileiro contemporâneo, Rawet se torna o seu próprio editor, abandonando a ilusão de que o escritor brasileiro de então podia viver de sua arte.

No ensaio autobiográfico *Angústia e conhecimento: ética e valor* (1978), escrita de experiência íntima, Rawet dá contas de seu itinerário intelectual. Contém revelações de sua vida em família, no círculo de amigos e sua participação na esfera da cultura:

Em 1956, quando saiu a primeira edição de *Contos do imigrante*, dei-xei cedo o escritório, tomei um aperitivo, jantei com a família. Antes do jantar telefonei para Dinah Silveira de Queiroz. Ia lhe levar um dos primeiros exemplares que o Athos Pereira me deu à tarde. Quando ia saindo, o irmão do meio muito solícito me diz: você não está se sentindo bem, eu vou com você! Afinal, sou humano, dia de estréia, livro do José Olympio. Nem pensei em discordar. Horas depois, tinha saído da casa de Dinah, caí desmaiado na banheira do apartamento de Renard Perez. Fui levar um livro ao Renard. Tomei uns uísques, poucos. Isso nunca me tinha acontecido. Estava habituado a bebericar, em casa de Renard, com Fausto Cunha, Sérgio Camargo, José Condé, nos bares do

centro e da Lapa, no *dancing* Avenida, nos papos de depois do trabalho, ou nos fabulosos papos de sábado à noite. Coincidências. Desta vez o irmão do meio estava presente. O velho e fabuloso capítulo dessa coisa inesgotável para o estudo, o campo das coincidências (Rawet, 1978, p. 21-22).

A ponte entre a intimidade e a vida pública, em Rawet, ocorre pelo sensível, o acaso, as associações auditivas, emergentes nos momentos de crise. Daí, a dissonância, a diáspora, a não mediação. Porém, no grupo das amizades eletivas, as coisas fluem num ritmo diferente, vital. Rawet, em sua escrita ensaístico-autobiográfica, narra a experiência com o irmão do meio, o irmão mais velho, o pai, a mãe, a comunidade judaica, suas atividades de engenheiro calculista, os amigos, sob a ótica da memória sensorial, através da qual junta coincidências que atribui ironicamente a interesses não revelados e à hipocrisia nos relacionamentos:

Depois de um longo silêncio, uma nova enxurrada de palavrões. Os mesmos, as vozes ainda minerais. Lembranças auditivas: os mesmos palavrões pronunciados por Vitor Fadul, engenheiro do escritório de Cardozo, e Marrano, médico, cunhado de Fadul, enquanto eu na região mais abissal, sentado numa prancheta, paralisado diante de umas fundações de um prédio que eu não conseguia acabar. Coincidência. O prédio era do engenheiro Kielman Honigbaum. Estava completamente desvinculado de atividade profissional com judeus. Coincidência, também. Na mesma época apareceu no escritório da Manchete, projeto de Oscar, e que Fadul estava calculando, e um outro prédio na Av. Pasteur, de Goldfeld e Cia. Coincidência (RAWET, 1978, p. 22).

Este elo entre a escrita íntima e suas entrevistas (comunicação com o público) marca-se pela sensorialidade, a consciência, a ética e o vigor da doença, no sentido nietzschiano. Rawet assume a corporeidade em tudo: na escrita ensaística, ficcional, autobiográfica, e no seu trânsito com a esfera pública, seu texto capta a energia da identificação entre o físico e o metafísico. Esta corporeidade revela-se na sua desqualificação do especulativo, no repúdio à dialética lógica que ele diz pertencer aos vigaristas, na sua meditação imbricada no concreto. “Acredito em meditação. E meditação está sempre imbricada em situações concretas. Só, num domingo, numa superquadra de Brasília, meditando por necessidade sobre o universo auditivo, sem ter idéia precisa do que seja, me vejo arrebanhado da divagação por uma frase de Lima Barreto. No universo não há certezas, nem mesmo em geometria” (RAWET, 1978, p. 11).

Sua posição no campo intelectual carrega os traumas da situação experimentada no interior de família judaica, uma convivência difícil, permeada de silêncios e incomunicabilidades. Ele vive uma diáspora no âmbito da própria descendência. No subúrbio aprendeu a valorizar as coisas simples, e deste “*milieu*” vêm as palavras e frases minerais, transformadas em memória auditiva, que irá incorporar na ficção autobiográfica. O auditivo, o corpóreo, as tonalidades de sombra e luz de a “Crônica de um vagabundo” vêm das lembranças auditivas de suas experiências na infância, adolescência e juventude: “Os palavrões ecoam, lembrança de palavrões, e lembrança visual de cenas que não vi, numa criação fantástica auditivo-visual” (RAWET, 1978, p. 18).

Sua posição marginal na família tem alguma relação com uma doença corporal desconhecida (desmaios, tonturas), um comportamento, segundo ele, aparentemente psicótico, o progressivo enriquecimento de sua linhagem, seu distanciamento do mundo dos negócios, sua rejeição à tradição que julgava hipócrita, e à “idiotice analítica”. Também a seu centramento na ascese da arte/conhecimento, na “ética da animalidade”, “não a partir de valores arbitrários, fixados em nome de um deus”, “num fluxo espontâneo de idéias, e não um conjunto de padrões com permissões e proibições” (RAWET, 1978, p. 26). O esboço de sua ética acha-se no paradoxo emotivo da linguagem interior: “Creio que o paradoxo emocional é gerado por situações nas quais está sempre presente algum aspecto de linguagem interior (RAWET, 1978, p. 28).

Negando a ciência, a psicologia e a psiquiatria, lança-se à procura do óbvio, do evidente, para compreender um pouco melhor o comportamento humano em suas situações limites. Crê nas relações humanas concretas, não nas relações humanas conceituais. Pensa o ser humano como um equilíbrio de paixões, não acredita numa ontologia do conceito. Aceita o egoísmo necessário, onde os valores morais válidos são os obtidos pelo conhecimento de certas exigências do corpo nas diversas situações, nunca absolutas, e neste solo, centra-se a sua educação.

Nos anos de 1950, Rawet vive o dilema da escrita, no momento que vem do subúrbio para o centro da cidade. Publica contos em suplementos literários, participa da vida literária, e numa das suas vertentes, a vida noturna. O *Diário Carioca*, na época dirigido por Prudente de Moraes Neto, publica seu primeiro conto. O jornalista leva a

produção ficcional do jovem para a Livraria José Olympio Editora, em 1954. Em 1956, vem a público *Contos do imigrante*, pela mesma editora. Quando o ensaio de Jacob Guinsburg, “Os imigrantes de Samuel Rawet”, saiu, em 1957, o escritor diz não estar preparado para a boa recepção: “Fiquei meio tonto. Eu não estava mais vinculado ao livro, estava parado, frustrado em relação ao texto e furiosamente entregue à vida profissional” (COSTA, 1975, p. 17)³. Eis a confissão do anulamento em função de outros caminhos. Este intervalo de silêncio criativo tem início em 1956 e vai até 1963, ano da primeira edição de *Diálogos*. Conforme depoimento, abandona o trabalho, e se larga no mundo: “Entreguei um papel e fui embora” (COSTA, 1975, p. 17), fazendo uma opção pela vida de escritor, enfim, descobre “que todo profissional é um amador”.

Depois de ajudar a construir Brasília aqui do Rio, Samuel Rawet mudou-se para a nova capital. Em 1968, resolve novamente largar o emprego, vende seu apartamento e volta ao Rio, onde financia a edição de seus novos livros (COSTA, 1975, p. 17). Em entrevista a Danilo Gomes, ele fala do começo da carreira: “O início mesmo da atividade literária publicada se deu em 1949. Na *Cigarra* (Herberto Salles), *Diário de Notícias* (Raul Lima), *Correio da Manhã* (Álvaro Lins). Mas foi em torno de um movimento criado por Dinah Silveira de Queiroz, *Café da Manhã*, que me integrei ao meu grupo e comecei mesmo. Renard Perez, Fausto Cunha, Nataniel Dantas, Fábio Lucas, Rui Mourão, Terezinha Éboli, Rocha Filho, Jones Rocha, Renato Rocha” (GOMES, 1977, p. 4). Nesta entrevista, Rawet combate a “subliteratura existencialista e psicanalítica”, que reduz os sentimentos de “solidão” e “angústia” a um nível de sentimentalismo barato, em nome de determinados modelos de convivência e satisfação. Recusando identificar-se com a moda existencialista, diz que seus livros “...representam anos de luta, euforia, desencanto, paixão, na elaboração formal de alguns contos e algumas novelas na transcrição de experiências concretas, e imaginárias através desse elemento indefinível, o ato de criação literária” (GOMES, 1977, p. 4).

Rawet declara-se engajado no projeto concreto da escrita literária, repelindo a sedução da moda existencialista, principalmente aquela vertente que descaracteriza e esvazia os sentimentos, em nome de modelos de convivência. Combate a estagnação formal e afetiva, pondo suas idéias no espaço público a respeito da traição da literatura: “é preciso trair valores antigos para chegar a valores novos” (GO-

MES, 1977, p. 4), insignificância do homem diante da inconsciência de sua própria morte, “para diante dela afirmar seus valores fundamentais, e afastar, repugnado os valores eternos que lhe oferecem” (GOMES, 1977, p. 4). Justifica sua auto-exclusão da comunidade judaica em nome da recusa de uma ética da convivência incompatível com o seu projeto criativo:

Quanto a valores humanos, ou qualidades, todos os que não encontrei na convivência judaica, apesar de ainda iludirem alguns a troco de alguma gorjeta: a cordialidade, a lealdade, a capacidade de assumir a responsabilidade dos próprios atos, um certo respeito pelas regras do jogo do cotidiano, e principalmente, a autêntica qualidade criadora, esteja onde estiver (GOMES, 1977, p. 5)

Rawet participa ativamente na esfera literária, defendendo a criatividade individual, os novos escritores nos anos 1950, 1960 e 1970, reclama dos poucos suplementos literários e poucas revistas, nestas décadas: “Em 1967, integrando a Comissão de Ficção do Prêmio Nacional de Ficção, batalhei e dei meu voto a um estreante, Luiz Vilela. Em 1977, na mesma Comissão, dei meu voto a Elias José. E estão aí Wander Pirolli, Sérgio Sant’Anna, Roberto Drummond. Uma turma quente” (GOMES, 1977, p. 5). Sua práxis se dá pelo criativo, o inovador, a traição dos valores subalternos que a ficção engendra. Entre 1949 e 1984, sua posição no campo literário constitui-se como marco, diferença, “literatura do contra”. Ele próprio fornece o seu auto-retrato cultural:

Literariamente, profissional, isto é, amador por excelência, não vivo de literatura. Acho o escritor profissional um amador. O profissional é um fabricante de livros, o que nada tem a ver com a literatura. Creio hoje que literatura e poesia são sinônimos, uma vocação de determinada atitude diante da vida, isto é, diante da morte (GOMES, 1977, p. 5).

O trabalho na equipe de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Joaquim Cardoso, arquitetos-poetas e intelectuais, é importante para o esboço da sua grafia de vida, na medida em que Rawet experiencia o cálculo, os volumes dos edifícios, o desenho, como um ato poético, inter-relacionado com o conto e a novela: “A atividade profissional, concreto armado, adquiria para mim aspectos fascinantes, vinculada à criação arquitetônica. Não era simplesmente um trabalho técnico. Daí a vinculação funcional. Esse fascínio ainda não desapareceu”, diz ele

em fevereiro de 1976, em depoimento a Esdras Nascimento. Conhece todos os problemas da ficção e da cultura de seu tempo. Na entrevista a Ronaldo Conde, no *Correio da Manhã/Anexo*, 07-02-1971, exorciza o velho complexo de inferioridade dos latinos, e dissolve anacronismos críticos, dentre os quais o da vinculação entre a qualidade e o espaço geográfico da arte: “A América Latina está deixando de se embasbacar com uma erudição boba, européia” (CONDE, 1971, p. 1). No bojo do seu projeto de invenção, a arte pode aparecer em qualquer lugar, e o escritor tem que trabalhar para viver, se ele se dedica ao seu ofício. Ele desconstrói a ilusão romântica de ficcionistas brasileiros, que iniciam em pequenas editoras (como sempre), porém exigem, no começo das carreiras, um tratamento de grande estrela, inclusive financeiro.

A tensa relação entre intimidade e espaço público (que não encontra mediações na modernidade, em virtude de impossibilidades econômicas, da cultura equívoca da participação na cena social e da corrosão da ética do trabalho) viabilizou a ética da responsabilidade de Rawet: “...se você não vive de literatura, você não tem compromisso a não ser com você mesmo. Então, nesse caso, por que não escrever exatamente o que você quer escrever e da forma que você quer escrever” (CONDE, 1971, p. 1). Para ele, a relação do escritor com a realidade não pode ser imediata. Ele tem que trabalhar interiormente até chegar à realidade.

ABSTRACT

Self-definitions of Samuel Rawet in interviews, statements to papers/magazines, in the 1970's and 1980's. The critical-biographic path of the writer and intellectual, his braking up from the Jewish family, his standings about Literature, market, partaking in the literary life, corporeal writing, hearing memory, self-exile and asceticism. Reflections about the Diaspora inscribed in the cultural scene at the turn of the 1970's and in the first half of the 1980's. Rawet's self-reflections about his choice for the uncertain, the difficult, the doubtful, and the unbuilding he makes of the illusions/ideas of the intellectuality in the historical profile of that period.

KEY WORDS: Samuel Rawet, self-biographic writing, correspondence and interviews, self-exile, the 1970's and 1980's

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Sergio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- CONDE, Ronaldo. A necessidade de escrever contos. *Correio da Manhã/Anexo*, Rio de Janeiro, 07 fev. 1971.
- COSTA, Flávio Moreira da. Samuel Rawet fala de Rawet. *Escrita, Revista Mensal de Literatura*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, 1975.
- COSTA LIMA, Luiz. Júbilos e misérias do pequeno eu. In: _____. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986, p. 243-309.
- GOMES, Danilo. Na toca de Samuel Rawet, o solitário caminhante do mundo. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 05 mar. 1977.
- GUINSBURG, Jacob. Os imigrantes de Samuel Rawet. *Para Todos*, Rio de Janeiro, ano II, n. 30, ago. 1957.
- FARIA, Issa. Entrevista. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 abr. 1970.
- NASCIMENTO, Esdras. O solitário caminhante do Planalto. *Ficção*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, fev. 1976 (entrevista).
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- RAWET, Samuel. Crônica de um vagabundo. In: _____. *Os sete sonhos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Editora/INL/MEC, 1971 [1967], p. 135-188.
- _____. *Angústia e conhecimento: ética e valor*. São Paulo: Vertente, 1978.
- _____. Kafka e a mineralidade judaica ou a tonga da mironga do kabuletê. *Escrita, Revista Mensal de Literatura*, Rio de Janeiro, n. 24, set. 1977.
- SÜSSEKIND, Flora. O romance epistolar e a virada do século XIX: Lúcio de Mendonça e João do Rio. In: _____. *Papéis colados*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002, p. 229-244.

WERNECK, Maria Helena. Um pensar saudável sobre biografias. In:_____.
O homem encardernado: Machado de Assis na escrita de suas biografias. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996, p. 17-30.

NOTAS

¹ Esta condição pode ser lida nos seus ensaios autobiográficos, memória ficcional sedimentada nas relações familiares, profissionais, seus embates com a comunidade judaica e sua vida nos subúrbios cariocas de São Cristóvão, Ramos, Olaria e nos bairros do Centro, Catete, Flamengo, Botafogo – no Rio de Janeiro.

² Conferir a este respeito BOURDIEU (1974, p. 196) e BOURDIEU (2001, p. 188-191), principalmente para as relações entre biografia e campo intelectual.

³ Ver a este respeito a entrevista concedida a Flávio Moreira da Costa (1975, p. 17 e segs.) e o instigante ensaio de Jacob Guinsburg (ago. 1957).